

MANUAL DO PROFESSOR

O menino negro

Autoria

Eduardo Dias Fonseca Guimarães (CEDAC)



claroenigma

MANUAL DO PROFESSOR

AUTORIA EDUARDO DIAS
FONSECA GUIMARÃES (CEDAC)

LIVRO
O MENINO NEGRO

AUTOR
CAMARA LAYE

TRADUTORA
ROSA FREIRE D'AGUIAR

CATEGORIA 2
**OBRAS LITERÁRIAS VOLTADAS PARA
OS ESTUDANTES DO 8º E DO 9º ANOS
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

TEMAS
**CONFLITOS DA ADOLESCÊNCIA;
ENCONTROS COM A DIFERENÇA;
SOCIEDADE, POLÍTICA E CIDADANIA**

GÊNERO LITERÁRIO
MEMÓRIA

claroenigma

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Coordenação

Ana Maria Alvares

Revisão

Angela das Neves

Adriana Moreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Guimarães, Eduardo Dias Fonseca

Manual do professor — O menino negro / Eduardo Dias
Fonseca Guimarães ; CEDAC. — São Paulo : Claro Enigma, 2018.

Bibliografia

ISBN 978-85-8166-139-1

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino I. Título
II. Laye, Camara. O menino negro III. CEDAC

18-0965

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA CLARO ENIGMA LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702 — Parte cj. 72

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3531

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *O menino negro*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. Ele é composto dos seguintes itens:

- 1. O autor e a obra:** dados biográficos do autor e informações que contextualizem a obra.
- 2. Vale a pena ler este livro:** informações e sugestões que visam motivar o estudante para a leitura.
- 3. Este livro na formação leitora dos estudantes do 8º e do 9º anos do Ensino Fundamental:** a relação da obra com os temas propostos, com a categoria e o gênero literário.
- 4. Fazendo a ponte entre o leitor e o livro:** subsídios, orientações e propostas de atividades para a abordagem da obra literária com os estudantes.
- 5. Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho antes e depois da leitura.
- 6. Possibilidades interdisciplinares:** orientações gerais para aulas de outros componentes ou áreas para a utilização de temas e conteúdos presentes na obra, com vistas a uma abordagem interdisciplinar.

Bom trabalho!

1. O AUTOR E A OBRA

Camara Laye (1928-80) era natural de Kouroussa, cidade da então Guiné Francesa. Aos quinze anos, deixou a casa dos pais para estudar na capital Conacri. Posteriormente, aceitou uma bolsa de estudos e, em 1946, mudou-se para a França para estudar engenharia mecânica. Dez anos mais tarde, retornou à Guiné, ocupando o cargo de diretor de pesquisas no Ministério da Informação. Com a independência da Guiné do colonialismo francês em 1958, tornou-se o primeiro embaixador guineano em Gana. Devido a desavenças políticas, Laye mais uma vez deixou a Guiné e permaneceu exilado no Senegal até seu falecimento.

Sua movimentada biografia não o impediu de tornar-se um dos mais notáveis escritores africanos. Além de *O menino negro* (1953), escrito durante o período em que viveu na França, livro bem recebido pelos críticos franceses e vencedor do prêmio Charles-Veillon, em 1954, Camara Laye publicou ainda os romances *Le Regard du roi* [O olhar do rei] (1954) e *Dramouss* (1966).

Um aspecto interessante sobre *O menino negro* é que o livro foi criado no contexto da chamada “diáspora africana”, termo que se refere ao grande número de autores africanos que, por diversos motivos, como conflitos e questões socioeconômicas, deixaram seu país natal e seu continente. As marcas desse contexto e da história de vida do autor podem ser claramente percebidas na obra — um livro de memórias escrito por ele enquanto vivia na França, uma sociedade totalmente distinta da Guiné —, seja se considerarmos os temas abordados, como a reconstrução da infância e da casa do país, seja pela afetividade com que retrata esse período e a terra onde nasceu.

Para se aprofundar na literatura da diáspora africana, sugerimos a leitura do artigo de Roland Walter, “O espaço literário da diáspora africana: reflexões teóricas”. Disponível em: <<http://bit.ly/2JzskVK>>. Acesso em: 9 jun. 2018.

É também notório o fato de que, apesar de bem acolhido na França, *O menino negro* foi criticado por alguns escritores africanos, como o camaronense Eza Boto e o nigeriano Chinua Achebe, pelo fato de não fazer críticas diretas aos abusos da administração colonial francesa e retratar a África como um lugar belo e maternal. Passado mais de meio século de sua publicação, talvez seja possível perceber que uma literatura mais direta, virulenta e talvez panfletária, que busca abarcar e retratar de modo explícito as questões sociais de seu tempo, tem sua importância e valor, fato que, no entanto, não diminui ou invalida a força e importância de uma voz mais subjetiva, impregnada de elementos poéticos na tentativa de uma (re)construção da própria memória. E é isso que o livro de Camara Laye nos proporciona, uma viagem à infância e ao amadurecimento de um menino negro da Guiné que não deixa de sofrer as consequências do contexto social de seu país, como o afastamento da família e da terra natal.

Além disso, não podemos perder de vista que essa obra influenciou e tem influenciado gerações de autores africanos, como Gaston-Paul Effa ou o tchadiano Nimrod, cujas obras também trazem elementos como a reconstrução da infância e o emprego de uma narrativa subjetivista, ou seja, voltada para as impressões e emoções do sujeito que narra.

2. VALE A PENA LER ESTE LIVRO

A história contada em *O menino negro* se passa num terreno movediço entre a ficção e a realidade, o que levará a uma experiência estética que, antes de tudo, convoca a imaginação e a intelectualidade. Em regra, o gênero memória consiste em narrar lembranças de uma pessoa que realmente existiu, tendo por base fatos que supostamente ocorreram. No caso deste livro, estamos diante da história de Camara Laye, que nos narra principalmente as memórias de sua infância e a entrada na adolescência. Assim, há um pacto entre o leitor e o escritor, no sentido de que este se coloca como o personagem que está narrando sua história do modo como se recorda dela. Vale ressaltar que o gênero memória, apesar da proximidade, se distingue de outro gênero literário, a autobiografia (em que um autor também narra a própria vida). A distinção está no fato de que a autobiografia é pautada pela exatidão dos fatos, narrados em ordem cronológica.

Em *O menino negro*, porém, percebemos uma maior preocupação do autor não com a precisão dos fatos de sua vida pregressa, mas com o modo com que são narrados, no sentido de proporcionar ao leitor uma experiência estética fluida, por meio de uma linguagem que nos aproxima da oralidade e do universo dos mitos e lendas africanos da Guiné. É justamente essa maior preocupação com a linguagem e a estética que diferencia a memória da autobiografia.

Também é interessante pensarmos na dificuldade de apreender os acontecimentos em toda a sua complexidade, principalmente quando dizem respeito a nós mesmos e à nossa vida. Por isso, é difícil pensar que podemos narrar nossas memórias (ainda mais de nossa infância) sem uma dose de invenção, ou seja, sem um pouco de ficção. É por isso que o gênero memória, exemplificado por este livro, é particularmente instigante nestes tempos de redes sociais, em que as barreiras entre ficção e verdade, vida privada e vida pública (publicada), são cada vez menos rígidas e claras.

Outro aspecto importante é que as memórias de Camara Laye são uma narrativa longa, com temporalidade estendida, o que fará com que os leitores entrem num clima de intimidade com os personagens e, aos poucos, se deem conta de aspectos importantes da linguagem e da história do autor. Podemos começar pensando nos trechos da narrativa que remetem a lendas e mitos da região da Guiné, como o fato de o pai do narrador comunicar-se com uma cobra negra que o ajuda em seus ofícios e lhe faz revelações do futuro. Há ainda o processo ritualístico que envolve o trabalho do pai que, para forjar joias de ouro, comunica-se com os deuses dos elementos fogo ou vento. Se essas descrições talvez possam ser recebidas com naturalidade na cultura da Guiné, é quase inevitável que causem surpresa e estranhamento em leitores oriundos de outras culturas, como os brasileiros, que provavelmente ficarão surpresos e com a impressão de estarem diante de elementos fantasiosos/fantásticos. E é justamente nesse encontro com a diferença, nessa fricção cultural, que está um dos aspectos mais importantes da leitura de *O menino negro*.

Também conseguimos perceber neste livro o diálogo, ainda que às vezes indireto, da história pessoal narrada pelo autor com questões mais amplas, envolvendo a sociedade em que os personagens estão inseridos, abrangendo problemáticas como busca e formação identitária, acompanhada do afastamento de tradições ancestrais, fato realçado, neste caso, pela migração do narrador, seja dentro do próprio país (afastando-se da família e da aldeia natal), seja para o exterior (França).

Portanto, *O menino negro* é uma obra que pode gerar debates envolvendo situações urgentes e atuais, como deslocamentos populacionais, instabilidade social e situações de vulnerabilidade, além de tocar pontos sensíveis, como empatia, solidariedade, ética e questões ligadas a nosso próprio senso de humanidade, sem, contudo, tentar conduzir de modo explícito ou impositivo a opinião ou o comportamento do leitor, mas, sim, convidá-lo a uma participação criativa na leitura, levando-o a estabelecer relações e conexões com outros textos e suas próprias experiências.

3. ESTE LIVRO NA FORMAÇÃO LEITORA DOS ESTUDANTES DO 8º E DO 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A leitura de livros do gênero memória é imprescindível aos jovens leitores por estimular a reflexão não só sobre a vida que é lida, mas também sobre a de quem lê. Isso porque a narrativa das memórias de uma pessoa tende a apresentar conflitos, acontecimentos, coerências e incoerências que permitem ao leitor enxergar a condução de uma vida com seus altos e baixos, criando um repertório que poderá ser utilizado na condução da própria vida.

Por isso, esse gênero literário pode estimular jovens do 8º e do 9º anos do Ensino Fundamental a experimentar sentimentos como empatia e identificação com os elementos presentes nas obras lidas. Há tramas que envolvem desavenças entre pais e filhos, questões familiares, viagens, perdas, tomadas de decisões. Essa gama de conflitos e situações abordadas nas memórias, aliada à multiplicidade de possibilidades de narradores/autores representantes de diferentes gêneros, etnias e classes sociais, é o que favorece a representação e empatia dos jovens que, ao ouvirem a voz e a história do outro, têm a oportunidade de enriquecerem e ampliarem suas próprias experiências de vida. Nesse sentido, a leitura desta memória permite trocas efetivas entre os jovens e vem ao encontro das orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Fundamental, como:

[...] relacionar o texto com suas condições de produção, seu contexto sócio-histórico de circulação e com os projetos de dizer: leitor e leitura previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas em jogo, papel social do autor, época, gênero do discurso e esfera/campo em questão etc. (BRASIL, 2017, p. 72.)

É importante apontar outro aspecto do gênero memória, a saber, a questão das autonarrativas. Vivemos num período de *selfies*, conexões, redes sociais, celulares, em que estamos o tempo todo criando e publicando nossas próprias narrativas e consumindo as de outros, sempre em um ritmo veloz e frenético, que dificilmente nos permite maiores elaborações ou reflexões, seja sobre aquilo que estamos narrando da nossa própria vida — que autoimagem estamos construindo e transmitindo, e para quem — seja sobre o que consumimos. Nesse contexto, a leitura deste livro permite aos estudantes o contato com a construção de uma memória, que não deixa de ser uma autonarrativa e uma imagem de si, elaborada por Camara Laye de um modo bem distinto daquele praticado nas redes sociais. Primeiro, pelo tempo da feitura e da leitura de um livro, que demanda empenho, fruição. Trata-se de uma construção que permite ao leitor envolver-se, de modo profundo, com a trama e seus personagens. Em *O menino negro*, os estudantes entrarão em contato com um personagem que, como eles, está em pleno processo de amadurecimento. No caso deste livro, esse processo é dificultado pelo fato de o menino ter de se afastar da família e ser educado de acordo com valores e costumes muito diferentes dos que estava habituado; primeiro em uma escola muçulmana, distante de sua aldeia natal, e depois em Paris, na França, uma sociedade completamente distinta da sua. Por isso, este livro apresenta não só conflitos típicos da adolescência, mas também encontros com a diferença e questões envolvendo sociedade, política e cidadania, além de promover reflexões recomendadas pela BNCC para o Ensino Fundamental, como:

- Analisar as condições de produção do texto no que diz respeito ao lugar social assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo; ao leitor pretendido; ao veículo ou à mídia em que o texto ou produção cultural vai circular; ao contexto imediato e ao contexto sócio-histórico mais geral; ao gênero do discurso/campo de atividade em questão etc.

- Analisar aspectos sociodiscursivos, temáticos, composicionais e estilísticos dos gêneros propostos para a produção de textos, estabelecendo relações entre eles. (BRASIL, 2017, p. 75.)

Também deve ser considerado que os ambientes de redes sociais nos quais estamos inseridos tendem a nos aproximar — inclusive pela lógica de seus algoritmos — de discursos e pessoas parecidas conosco, de nosso círculo social, que usam linguagens e narrativas que nos são habituais e que, por isso, tendemos a aprovar, concordar e dar *likes*, numa espécie de repetição e reafirmação dos mesmos discursos. Em *O menino negro*, por outro lado, os jovens leitores terão a chance de tomar contato com um imaginário e um discurso bem distintos daqueles a que estão normalmente habituados e que envolvem a riqueza cultural da Guiné africana, com seus hábitos, ritos e mitos. Esse contato com a diferença é de especial interesse aos estudantes brasileiros, naturais de um país com heranças africanas.

Por isso, este livro pode estimular nos estudantes o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, acolhendo e valorizando a diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos. Esses são passos extremamente relevantes no caminho para a construção da empatia e do respeito diante das diferenças, ou seja, na preparação dos jovens para uma efetiva participação social.

4. FAZENDO A PONTE ENTRE O LEITOR E O LIVRO

Desde o início, é preciso considerar que a leitura individual é imprescindível, uma vez que os textos literários permitem, em regra, mais de uma

interpretação. Se partirmos do pressuposto de que cada leitor reage de modo diferente a um mesmo texto, é importante que a leitura inicialmente proposta pelo professor seja individual, silenciosa e concentrada.

Porém, uma vez realizada a primeira leitura — que intercalará alguns capítulos lidos na sala de aula e a maioria deles em casa —, e recolhidas as impressões pessoais, o acompanhamento do professor torna-se fundamental. Ele é quem poderá oferecer as condições para que os estudantes consigam compreender a obra proposta mais profundamente e possam fruí-la de maneira significativa e, gradativamente, mais crítica. Desse modo, propõe-se a leitura compartilhada de alguns trechos, ocasião em que impressões e opiniões individuais prévias dos estudantes serão postas em diálogo com a leitura do grupo, propiciando, conseqüentemente, a expansão e o enriquecimento das leituras individuais.

Além disso, a leitura compartilhada é a oportunidade de o professor acompanhar o processo de desenvolvimento do leitor, ressaltando e apresentando aos estudantes aspectos que eles ainda não podem apreender sozinhos, que são justamente os aspectos peculiares à obra e fundamentais para que avancem como leitores literários. Ou seja, é o professor quem pode colaborar com o processo de imersão dos estudantes nas práticas sociais de leitura, de maneira a estimulá-los a serem capazes de apreciá-las pelas experiências estéticas distintas que proporcionam. Esse processo favorece o desenvolvimento de leitores fruidores, capazes de voltar a atenção não só à trama e ao enredo, mas também aos procedimentos estéticos e narrativos nela utilizados, conseguindo problematizar aspectos como os recursos pelos quais o autor gera determinados efeitos e sentimentos.

Em *O menino negro*, dois elementos distintivos no uso da linguagem são os traços de oralidade e as passagens que remetem a mitos e lendas da Guiné, flertando, de modo sutil, com o fantástico, como na seguinte passagem:

Observei, pasmo, a cobrinha. Seguia seu caminho para a oficina; avançava graciosamente, pelo visto muito segura de si, como que consciente de sua

imunidade; seu corpo brilhante e negro resplandecia na luz crua. Quando chegou à oficina, percebi que havia ali, rente ao chão, um buraco na parede. A cobra desapareceu por aquele buraco.

— Está vendo? A cobra vai fazer uma visita a seu pai — disse ainda minha mãe.

Embora o maravilhoso me fosse familiar, fiquei mudo, tamanho era meu espanto. O que é que uma cobra tinha a ver com meu pai? E por que aquela cobra especificamente? Não a matavam porque ela era o gênio de meu pai! Pelo menos era a razão que minha mãe dava. (pp. 17-8)

É justamente a ambiguidade desse “maravilhoso” que é familiar, presente nessa passagem, que traz um dos traços mais interessantes deste livro. Primeiro, no espanto do próprio personagem, diante de algo que, mesmo no imaginário dele, parece fantástico, mas é encarado com naturalidade por sua mãe. Depois, porque estamos diante de um livro de memórias, e não de um romance ficcional, o que gera um deslocamento da fronteira entre realidade e ficção, e nos faz perguntar: será que Laye realmente viveu tudo isso do modo que está nos relatando? Será que é possível narrar a história de uma vida sem um pouco de invenção?

Ao fazermos essa indagação, é difícil não pensarmos no poeta brasileiro Manoel de Barros (1916-2014) que, ao reconstruir sua infância, lançou uma série de três livros, com o primeiro publicado em 2003, *Memórias inventadas: A infância*; seguido de *Memórias inventadas: A segunda infância* (2006); e *Memórias inventadas: A terceira infância* (2008). Não bastasse o jogo que o poeta faz com o título, *memórias inventadas*, ele ainda nos presenteia com a seguinte frase: “Tudo que não invento é falso”.

Assim, longe de responder às perguntas colocadas acima, Manoel de Barros as amplia, mostrando talvez a impossibilidade de se narrar uma memória, ainda mais da infância, sem uma dose de invenção, e o paradoxo de que, por vezes, é justamente essa dose de invenção que nos permite tocar alguma verdade.

Sobre a diferença entre os conceitos de maravilhoso e fantástico na literatura, Marcia Romero Marçal (2009) afirma que:

O sobrenatural é tratado de uma forma muito diferente pelo discurso narrativo construído pelo gênero fantástico. O evento sobrenatural surge em meio a um cenário familiar, cotidiano e verossímil. Tudo parece reproduzir a vida cotidiana, a normalidade das experiências conhecidas, quando algo inexplicável e extraordinário rompe a estabilidade deste mundo natural e defronta as personagens com o impasse da razão.

Outro aspecto a ser observado é que Camara Laye nos apresenta um relato muitas vezes afetuoso e belo de sua terra natal, como na passagem:

Em dezembro eu sempre ia para Tindican. Dezembro é a estação seca, a bela estação, e é a época da colheita do arroz. Todo ano eu era convidado para essa colheita, que é uma grande e alegre festa, e eu esperava impaciente que meu jovem tio viesse me buscar. (p. 45)

Essa postura talvez seja coerente com o contexto em que a obra foi escrita, quando o autor vivia em Paris e buscava reconstruir seus afetos, suas memórias de infância. No entanto, não devemos perder de vista que também somos apresentados a situações de vulnerabilidade, geradas principalmente pela necessidade de o personagem afastar-se de sua família, sua terra e suas tradições, fato que permite ao livro dialogar com questões contemporâneas como deslocamentos populacionais, dificuldades na preservação de tradições culturais, sentimento de pertencimento, entre outras.

Todos esses elementos, sem dúvida, tornam a leitura de *O menino ne-*

gro uma valiosa jornada pelas memórias de um importante autor africano, e por isso uma ótima oportunidade para o enriquecimento do repertório leitor dos estudantes do Ensino Fundamental, contribuindo ainda para a formação de leitores críticos.

5. ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

MATERIAL DE APOIO PRÉ-LEITURA

Sugere-se que, na fase de pré-leitura, sejam retomados alguns aspectos do gênero literário deste livro: memória. Para isso, o professor poderá apresentar à sua turma a diferença entre memória e romance, ressaltando que, no romance, o autor nos propõe a narrativa de fatos e personagens ficcionais, ou seja, frutos de sua criação. Na memória, o procedimento é distinto: o autor nos propõe contar suas lembranças com base em fatos e personagens que existiram, do modo como se recorda. É o que ocorre no livro *O menino negro*.

No segundo momento, é importante fazer uma distinção entre os gêneros memória e biografia (incluindo a autobiografia, na qual o autor escreve a própria biografia). Nos três casos, em regra, estamos narrando a vida de uma pessoa que existiu. A biografia é contada por um narrador que, depois de realizar uma série de pesquisas, entrevistas, e outros métodos que julgar necessários, escreve sobre a vida de alguém (biografado). Há uma grande variedade de biógrafos, biografias e biografados, como *Clarice: Uma vida que se conta*, biografia de Clarice Lispector (1920-77), escrita pela professora Nádia Gotlib, ou *Machado de Assis: Vida e obra* (1981), biografia escrita pelo jornalista R. Magalhães Júnior. Por ser um gênero menos popular do que o romance, é importante que o professor apresente aos estudantes trechos de alguma biografia que julgue adequada e interessante.

A autobiografia, por sua vez, se assemelha ainda mais ao gênero memória, pois, em ambos os casos, é o próprio autor que nos conta sua história de vida. No entanto, na autobiografia há preocupação com a exatidão dos fatos, diferente da memória, conduzida pelo modo com que as lembranças são evocadas.

Sugerimos que apresente alguma autobiografia que julgue pertinente e faça a leitura compartilhada. Uma sugestão é a autobiografia do escritor português José Saramago (1922-2010), que se encontra na página oficial do autor (disponível em: <<http://bit.ly/2y3DkJK>>; acesso em: 9 jun. 2018). Nela, é evidente a preocupação do autor com a cronologia e a precisão dos fatos, como revela o seguinte trecho:

Deixei a editora no final de 1971, trabalhei durante os dois anos seguintes no vespertino *Diário de Lisboa* como coordenador de um suplemento cultural e como editorialista. Publicados em 1974 sob o título *As opiniões que o DL teve*, esses textos representam uma “leitura” bastante precisa dos últimos tempos da ditadura que viria a ser derrubada em abril daquele ano. Em abril de 1975 passei a exercer as funções de director-adjunto do matutino *Diário de Notícias*, cargo que desempenhei até novembro desse ano e de que fui demitido na sequência das mudanças ocasionadas pelo golpe político-militar de 25 daquele mês, que travou o processo revolucionário.

Em contraposição, ao ser apresentado aos estudantes o livro *O menino negro*, podem ser lidas apenas as páginas iniciais para despertar a curiosidade da turma sobre o livro e o desejo de prosseguir na leitura individual, e também para enfatizar que, logo no primeiro parágrafo, já percebemos a despreocupação do autor com a precisão cronológica, evidenciando tratar-se de um livro do gênero memória: “Eu era criança e brincava perto do casebre do meu pai. Que idade tinha naquela época? Não lembro exatamente. Devia ser ainda muito novinho: cinco, seis anos no máximo” (p. 13).

O objetivo dessa atividade é tornar os estudantes sensíveis a aspectos dos textos narrativos para além do enredo. Além disso, a atividade poderá facilitar a identificação e familiaridade deles com gêneros como a biografia e a memória, menos usuais do que o romance e a poesia.

MATERIAL DE APOIO PÓS-LEITURA

Depois de aprofundar a leitura e expor aos estudantes diferentes gêneros literários e aspectos distintivos do livro estudado, propõe-se uma atividade criativa. Cada estudante deverá, em casa, escolher uma foto de infância. Observando essa foto, eles irão contar a história do dia em que foi tirada. Para isso, propomos que escrevam sobre fatos como: o que aconteceu naquele dia, como a foto foi tirada, o que estavam fazendo, se estavam felizes ou tristes, quem estava com eles etc.

Eles poderão escolher um dos dois procedimentos para criarem seus textos. No primeiro, deverão conversar com os pais ou outras pessoas que estiveram presentes no dia e lugar em que a foto foi tirada e, assim, obter todas as informações que conseguirem, do modo mais preciso possível, como datas, nomes e outros dados importantes, que serão utilizados na narrativa. Isso aproximará o texto de uma autobiografia. No segundo procedimento, eles terão a chance de simplesmente escrever a memória da foto como se lembram dela, podendo inclusive colocar detalhes ou fatos que não se recordam exatamente como aconteceram, sendo mais importante criar uma boa história do que se preocupar em ser preciso ou totalmente verídico. Esse procedimento aproximará o texto de uma memória.

Depois, em sala, cada estudante deverá ler sua história e o restante da turma tentará “adivinhar” se está sendo lida uma autobiografia ou uma memória. Ao fim de cada relato e da discussão sobre seu gênero, é interessante que cada um explique aos demais o modo como produziu o texto apresentado e que a sala e o professor comentem, de modo sensível, os elementos

que julgarem mais interessantes e curiosos da narrativa apresentada, seja em relação ao que é contado, seja em relação a como se conta. E só depois de ler sua história e de ouvir tais comentários é que deverá mostrar ao restante da sala a foto na qual o relato se baseou.

O objetivo dessa atividade é estimular a criação dos estudantes, o desenvolvimento da oralidade e do falar em público, o manejo de discursos e dos aspectos teóricos trabalhados em sala, tudo isso em diálogo com a obra lida, uma vez que terão adotado um procedimento similar ao de Camara Laye. É interessante também que o professor aponte aos estudantes os muitos meios possíveis para guardarmos nossas memórias: fotos, vídeos, livros etc., e que o diálogo entre esses meios, como ocorre na atividade, pode ser muito interessante. Finalmente deve ser ressaltada a importância da manutenção e preservação das memórias individuais ou coletivas, uma vez que elas são elementos fundamentais para o fortalecimento e a construção de identidades.

6. POSSIBILIDADES INTERDISCIPLINARES

GEOGRAFIA

A BNCC, nos estudos de Geografia para o 8º e o 9º anos do Ensino Fundamental, aponta, entre competências específicas de Geografia, a de: “utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas” (BRASIL, 2017, p. 364).

Para isso, sugerimos que seja contextualizada a obra, informando que estamos diante do livro de memórias de Camara Laye, nascido em Kouroussa, na então Guiné Francesa (atual República da Guiné), na África, e que este livro narra sua infância e adolescência, sendo que aos quinze anos ele deixa

a casa dos pais com a finalidade de estudar na capital Conacri e, posteriormente, aceita uma bolsa de estudos para, em 1946, mudar-se para a França e estudar engenharia mecânica. Também é importante a apresentação de alguns dados sobre a República da Guiné, para conhecerem o contexto do país.

A República da Guiné, país onde se passa a infância narrada em *O menino negro*, foi colônia francesa e obteve sua independência somente em 1958. Mais de 60% da sua população vive de atividades relacionadas à agricultura, segundo divulgado pela embaixada da República da Guiné em Washington (EUA) (disponível em: <<http://bit.ly/2sJL03z>>; acesso em: 9 jun. 2018).

Finalizada essa contextualização da obra e do país onde ela se passa, sugerimos a leitura, com a turma, dos seguintes trechos do livro:

[...] em vez de levar duas horas para chegar a Tindican, levávamos facilmente quatro, mas eu nem percebia a extensão do trajeto, pois maravilhas de todo o tipo o pontilhavam.

Digo “maravilhas” porque Kouroussa já é uma cidade, e lá não assistíamos ao espetáculo que vemos nos campos e que, para uma criança urbana, é sempre maravilhoso. À medida que avançávamos pela estrada, desentocávamos uma lebre aqui, um javali acolá, e os pássaros levantavam voo numa barulheira de asas; às vezes também encontrávamos um grupo de macacos; eu sempre sentia um pequeno aperto no coração, como se ficasse mais surpreso que o próprio bicho que abruptamente percebia nossa aproximação. (p. 35)

Após a leitura desse trecho, é interessante conversar com os estudantes sobre as transformações geradas pelos processos de urbanização, que mudam o modo como o ser humano se relaciona com a natureza e o meio ambiente, e levam um menino urbano a surpreender-se e maravilhar-se com o reencontro com a fauna e a flora. Essas considerações podem ser utilizadas para que eles relacionem a leitura com sua própria realidade e os arredores da escola. Como é o estilo de vida das pessoas no município onde se localiza a escola? A vida é

mais urbana ou mais rural? O que será que ganhamos e o que será que perdemos em uma vida urbana em comparação com uma vida rural?

A ideia é que os estudantes sejam sensibilizados em relação ao meio em que vivem e sejam capazes de problematizá-lo, percebendo que ele influencia sobremaneira as pessoas nele inseridas, gerando um grande impacto sobre seus estilos de vida.

Sugere-se também a leitura, em conjunto com a turma, da seguinte passagem do livro:

Ao chegar ao campo que era ceifado em primeiro lugar, os homens se enfileiravam na entrada, torso nu e foice pronta. Meu tio Lansana, ou outro camponês — pois a colheita se fazia em grupo e cada um emprestava seus braços para a colheita de todos —, os convidava então a iniciar o trabalho. Logo os torsos negros se curvavam sobre a grande área dourada e as foices começavam a ceifa. Já não era apenas a brisa matinal que fazia o campo estremecer; eram os homens, eram as foices.

Essas foices iam e vinham com uma rapidez e uma precisão que surpreendiam. Deviam cortar o caule da espiga entre o último nó e a última folha, que seria colhida; pois elas nunca falhavam! [p. 47]

Nesse trecho, há uma bela descrição da colheita do arroz. Sugerimos que sejam feitos apontamentos aos estudantes, informando diferenças entre as relações de trabalho do campo e da cidade, bem como de seus meios e modos de produção. Além disso, deve ser contextualizado que o livro foi publicado em 1953. Desse modo, podem ser apontadas algumas mudanças que os avanços tecnológicos e científicos trouxeram às relações de trabalho e à economia dos espaços rurais.

É importante também a abertura de um diálogo com a turma, com questões como: Será que os pequenos agricultores africanos, como os retratados no livro, ou os pequenos agricultores brasileiros, têm acesso a essas

tecnologias? Por qual motivo? E quais as consequências se esse acesso às tecnologias for desigual, ou seja, restrito a poucos produtores?

A ideia é, com a sua mediação, incentivar os estudantes a refletir, investigar e problematizar, buscando respostas e propostas de soluções para os impasses que forem detectados. Esse procedimento é importante na formação de uma participação social mais crítica e efetiva.

Essas atividades podem favorecer o desenvolvimento da habilidade:

(EF08GE13) Analisar a influência do desenvolvimento científico e tecnológico na caracterização dos tipos de trabalho e na economia dos espaços urbanos e rurais da América e da África.

Para finalizar as atividades, sugere-se que, divididos em grupos, os estudantes elaborem seminários em que apresentem uma pesquisa sobre o município onde se localiza sua escola. Eles deverão abordar aspectos estudados em sala, como relações de trabalho, atividades econômicas, predominância de zona urbana ou rural, acesso a tecnologias. Caso, em suas pesquisas, detectem problemas sociais — como desigualdade social, desemprego, exclusão etc. —, os grupos devem apresentar propostas de soluções que serão discutidas com os demais colegas e com a mediação do professor.

O objetivo da atividade é incentivar os estudantes a elaborar análises críticas de sua realidade, propondo soluções com base em conceitos aprendidos em sala de aula, o que contribui para o desenvolvimento da cidadania.

Para informações sobre a concentração de renda no Brasil, recomendamos a leitura do artigo de Rodolfo Borges, “Brasil tem maior concentração de renda do mundo entre o 1% mais rico”. Disponível em: <<http://bit.ly/2Jq0gbi>>. Acesso em: 9 jun. 2018.

ARTE

A BNCC, nas competências específicas de Arte para o Ensino Fundamental, fala em “mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística” (BRASIL, 2017, p. 196), e uma das habilidades propostas é:

(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística [desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.].

Todos esses elementos podem ser abordados com a leitura de *O menino negro*, um livro de memórias que, mais especificamente, conta a infância e a adolescência de um menino nascido em Kouroussa, na antiga Guiné. Justamente por esses aspectos, pode ser bastante enriquecedora para os estudantes sua utilização na matéria de Arte, seja por colocá-los em contato com uma produção artística de matriz africana, aumentando, assim, seu repertório artístico cultural e proporcionando um respiro e frescor ao consumo massivo de produções europeias e norte-americanas; seja por atualizá-los de que, por motivos históricos, não se pode pensar de modo sério e crítico a cultura brasileira sem considerarmos o negro africano.

Além disso, sendo o próprio livro um registro das memórias de Camara Laye, sugere-se, inicialmente, sua contextualização, informando à turma que a intenção do autor, ao escrevê-lo, foi preservar as memórias de sua infância e adolescência na África. Em seguida, sugere-se a leitura, em conjunto com os estudantes, do seguinte trecho da obra:

Na verdade, eu esquecia, ainda era muito criança e esquecia; tudo o que cruzava meu espírito — e tantas coisas cruzavam meu espírito — em geral durava menos e era menos consistente que as nuvens que cruzavam o céu; e eu ainda estava na idade — mas continuo nessa idade! — em que a gente vive

antes de tudo no presente, em que o fato de ocupar o primeiro lugar numa fila de ceifadores tinha mais importância do que meu próprio futuro. [p. 51]

Nesse excerto, fica clara a passagem do tempo, questão que, se não é nova, mantém-se altamente pertinente nas produções artísticas em geral, pois se relaciona com mistérios insolúveis, como vida e morte, lembrança e esquecimento. Desse modo, um importante aspecto das produções artísticas em geral é a criação de um vestígio, de uma memória, lembrando da importância das memórias — coletivas e individuais — no processo de construção de identidades. Por isso, após a leitura e o diálogo com os estudantes sobre tais questões, sugere-se que seja proposta uma atividade criativa: eles deverão gravar vídeos curtos, utilizando, por exemplo, câmeras de celulares, de modo individual ou em grupos. É importante que, mesmo se a atividade for realizada em grupo, cada um dos estudantes deverá ser gravado falando sobre algo que ele ache que seria importante lembrar (e por qual razão), mesmo quando se tornar adulto. Ou seja, cada um falará de algo que lhe seja relevante e que, por isso, não gostaria de se esquecer com a passagem do tempo.

Feitas tais gravações, elas podem ser apresentadas à sala e gerar a mediação de um diálogo com todos, no qual cada estudante poderá, de modo individual, contar como foi sua experiência de gravar o vídeo, e os demais, de modo sensível e atento, comentarão a experiência e o resultado. Depois dessa atividade com a sala, as gravações deverão ser guardadas (*upload*) em alguma plataforma coletiva, como, por exemplo, num blog da sala, ao qual todos os participantes terão acesso.

Essa atividade é uma oportunidade de os estudantes não só serem estimulados criativamente a elaborar uma produção artística, em diálogo com a obra, mas também de criar uma memória individual e uma memória coletiva. O resultado provavelmente será surpreendente, e a obra coletiva criada tenderá a ganhar força à medida que o tempo passar. A revisita aos vídeos pelos estudantes, pais e conhecidos (ou não) provavelmente revelará impor-

tantes e sensíveis camadas contidas nos discursos/depoimentos, cumprindo, assim, um importante papel das obras artísticas em geral: o chamado a um diálogo de afetos e intensidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017.
- MARÇAL, Marcia Romero. A tensão entre o fantástico e o maravilhoso. *Fronteiras*, Revista Digital do Grupo de Pesquisa O Narrador e as Fronteiras do Relato, v. 3, n. 3, set. 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/2LxFIKg>>. Acesso em: 9 jun. 2018.